

Medicina do DF ainda assusta

BRASÍLIA — A ponte aérea ainda é o melhor hospital de Brasília. Pelo menos é o que comprovam as freqüentes denúncias de negligência médica envolvendo profissionais que atuam em hospitais públicos e particulares da cidade. Esta semana uma criança morreu durante o parto porque o médico se recusou a fazer uma cesariana. Em outro caso, uma mulher ficou com o corpo deformado após ser operada por um ginecologista que se apresentou como cirurgião plástico.

Para o secretário de Saúde do Distrito Federal, o neurologista Valtênio Ribeiro, "por mais esforços que sejam feitos é humanamente impossível evitar esse tipo de problema". Ele atribui os "incidentes" ao inchaço que a cidade sofreu desde a sua fundação. "Brasília foi projetada para ter no ano 2000 aproximadamente 500 mil habitantes. Faltando 12 anos para a data, a cidade já tem dois milhões", afirma Ribeiro.

O bebê morreu no Hospital Regional de Brazilândia, da rede oficial. A mãe da criança, Celine Ribeiro da Silva, informa que levou ao estabelecimento uma guia que determinava a realização de cesariana, mas o médico se recusou a fazer a cirurgia. O pai, Manoel Alves de Almeida, exige que o corpo seja exumado para comprovar que o bebê foi retirado do ventre materno com a clavícula, pescoço, espinha, braços e pernas quebrados. Foi aberta sindicância para apurar em cinco dias se o médico Sérgio Nobre, que fez o parto, foi responsável pela morte da criança.

A outra denúncia refere-se a um atendimento na cidade-satélite de Ceilândia, envolvendo o médico ginecologista Wilson Galarza e a paciente identificada apenas como V.O.F. A mulher foi operada no Hospital São José pelo médico que se apresentou como cirurgião plástico. A operação foi malsucedida e a paciente registrou queixa policial, além de levar o caso ao

Sindicato dos Médicos e ao Conselho Regional de Medicina (CRM). Após a operação ela ficou quase aleijada, com cicatrizes graves e sem o bico de um seio.

O CRM também investiga há um mês outra denúncia de negligência médica: Márcia de Oliveira Faria está em coma profunda desde 16 de dezembro porque uma atendente de enfermagem aplicou-lhe medicamento errado após uma cesariana.

A polícia indiciou sete pessoas, incluindo o diretor do Hospital Geral Ortopédico, Walbron Seekelberg; a atendente Cleci Milene Ribeiro; e o médico que fez a cirurgia, Paulo Arlindo Polcheira. Todos são acusados por lesões corporais culposas. A primeira fase da sindicância do Conselho Regional de Medicina concluiu pela necessidade de mais investigações, que podem levar até à cassação do registro profissional dos acusados caso a denúncia seja comprovada.